

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

DOI: <https://doi.org/10.35168/2176-896X.UTP.Tuiuti.2024.Vol10.nEspecial.pp102-116>



Edilayne Marjori Ribeiro

ASID Brasil.

Mestra em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná.

E-mail: dihribeiro_@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3421-8465>

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

Resumo

A linguagem foi, por muito tempo, vista como importante apenas em seu aspecto estrutural, ou seja, linguístico, sistemático e centralizado em teoria – sem prática. Isso começou a se transformar quando foi possível percebê-la através das relações com o ser humano, com o outro e com a educação. Este artigo tem, portanto, o objetivo de explicar este processo através das ideias de dois grandes autores desses temas: Lev Vygotsky e Paul Ricoeur, bem como outros estudiosos que perpassaram por eles. Foram criadas, para essas explicações, três categorias para aprofundamento: a linguagem e a fala; a linguagem e o outro; a linguagem e a educação. Com isso, buscou-se relacionar o que suas ideias tinham em comum e de que forma podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, as relações professor e aluno e outros pontos da educação levando em consideração a linguagem como constituição do ser humano.

Palavras-chave: Linguagem. Educação. Ensino e aprendizagem.

Language in education: a dialogue between the ideas of Lev Vygotsky and Paul Ricoeur

Abstract

Language was, for a long time, regarded as important only in its structural aspect, meaning linguistic, systematic, and theory-centered – without practice. This perception began to shift when it became possible to see language in relation to human beings, to others, and to education. Therefore, this article aims to explain this process through the ideas of two major thinkers on these subjects: Lev Vygotsky and Paul Ricoeur, as well as other scholars who have built upon their work. To facilitate these explanations, three categories were created for further exploration: language and speech; language and the other; language and education. In doing so, the article sought to relate their common ideas and how they can contribute to the teaching and learning process, the teacher-student relationship, and other aspects of education, considering language as a constitutive element of human beings.

Keywords: Language. Education. Teaching and learning.

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

Introdução

A área da educação vem abrindo o seu espaço para se interseccionar com outros estudos e áreas, a fim de entender processos de ensino e aprendizagem, relações professor e aluno, currículo e outros elementos articuladores. Um dos temas que muito vem dialogando com essa área é a linguagem, objetivando compreender como as diferentes formas de se expressar e se comunicar com o outro podem interferir no ensinar e no aprender – tanto em contextos de línguas maternas e adicionais, quanto no dia-a-dia escolar e nas relações entre pares.

Para entender esses processos, contudo, é necessário adentrar na linguagem inserida no mundo, pois, como afirma Ricoeur (1976, p. 24), “as línguas não falam, só as pessoas”, o que implica compreender, portanto e conjuntamente, pensamentos, sentimentos, intenções, formas de expressar e compreender e, ainda, todo o significado que está contido naquilo que é dito e no que se pretendia dizer mas não foi. É por esse motivo que o livro *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação* (1976), de Paul Ricoeur¹, foi selecionado como um dos recursos de leitura e análise para a composição deste artigo, a fim de que se chegue até à linguagem não somente através de aspectos linguísticos, mas aprofundando-os e acessando outros vieses.

Durante muitos momentos na leitura do livro de Ricoeur, surgiram inquietações devido à relação de algumas de suas ideias com ideias apresentadas, anos antes, pelo autor Lev Vygotsky²,

1 Paul Ricoeur foi um dos expoentes no campo da fenomenologia e da hermenêutica e é considerado um dos grandes nomes da filosofia contemporânea tendo sido inclusive uma referência para os filósofos Derrida (1930-2004) e Lyotard (1924-1998). O intelectual nasceu em Valence (na França) no dia 27 de fevereiro de 1913. Paul Ricoeur se graduou em Filosofia pela Universidade de Rennes em 1932. Continuou os seus estudos em Sorbonne, onde fez o mestrado (1935) e o doutorado (1950). Ricoeur faleceu em casa, em Chatenay Malabry, em Paris, no dia 20 de maio de 2005, vítima de causas naturais aos 92 anos. *Biografia extraída e adaptada do texto de Rebeca Fuks (2021), em e-biografia: <https://www.ebiografia.com/paul_ricoeur/>*.

2 Lev Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo bielo-russo que realizou diversas pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e do papel preponderante das relações sociais nesse processo, o que originou uma corrente de pensamento

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

principalmente no que tange a linguagem como sendo um processo, que se faz na interação com o outro e que precisa de um significado, algo afirmado por Vygotsky na obra *A construção do pensamento e da linguagem* (2009, p. 10): “(...) Sem significado a palavra não é palavra mas som vazio. Privada do significado, ela já não pertence ao reino da linguagem.”

Portanto, ainda na esteira de inspirações para a composição deste artigo, as obras e ideias de Vygotsky também foram utilizadas, a saber: *A construção do pensamento e da linguagem* (2009), *A formação social da mente* (2007), e estudiosos do autor como Figueiredo (2019) em *Vygotsky: a interação no ensino/aprendizagem de línguas e Nascimento* (2020) em sua tese *Lev Semionovitch Vigotski e a Educação Escolar: uma prática educativa humanizadora como princípio para o desenvolvimento da consciência humana*.

A reflexão sobre as semelhanças das obras supracitadas gerou algumas categorias que serão melhor aprofundadas no decorrer destas páginas, sendo “a linguagem e a fala”, “a linguagem e o outro” e “a linguagem e a educação”, justificando-se pelos pontos em comum observados pela autora entre as ideias de Vygotsky e as ideias de Ricoeur.

Então, diante do exposto, o presente artigo objetiva discorrer sobre essas categorias e os conceitos que estão presentes no relacionamento entre linguagem e educação, a partir das ideias dos autores mencionados, refletindo sobre a forma como estão, ou não, presentes no processo de ensino e aprendizagem nos mais diversos contextos educacionais. Quanto à sua apresentação,

denominada Sócio Construtivismo. O interesse de Vygotsky pelas funções mentais superiores, cultura, linguagem e processos orgânicos cerebrais o levaram a trabalhar com pesquisadores neurofisiologistas como Alexander Luria e Alexei Leontiev, que deixaram importantes contribuições para o Instituto de Deficiência de Moscou, entre eles o livro “A Formação Social da Mente” onde aborda os processos psicológicos tipicamente humanos, analisando-os a partir da infância e do seu contexto histórico-cultural. Entre outros trabalhos de Lev Vygotsky destacam-se: “A Pedologia de Crianças em Idade Escolar” (1928), “Estudos Sobre a História do Comportamento” (1930, escrito com Luria), “Lições de Psicologia” (1932), “Fundamentos da Pedologia” (1934), “Pensamento e Linguagem” (1934), “Desenvolvimento da Criança Durante a Educação” (1935) e “A Criança Retardada” (1935). *Biografia extraída e adaptada do texto de Dilva Frazão (2017), em e-biografia: <https://www.ebiografia.com/lev_vygotsky/>.*

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

este estudo está organizado, além desta introdução, em três seções que compõem cada uma das categorias, e, por fim, as considerações finais.

Fundamentação teórica – Desenvolvimento

Linguagem e educação são dois temas que se interseccionam, especialmente quando se considera a função mediadora da linguagem no processo de ensino e aprendizagem. Tanto Vygotsky quanto Ricoeur, em seus respectivos estudos, abordam a importância da linguagem não apenas em seu aspecto técnico ou como um meio de comunicação, mas como um instrumento de construção de conhecimento e desenvolvimento cognitivo e social. Vygotsky destaca a linguagem como uma ferramenta de mediação social e psicológica, que emerge a partir da interação com o outro, e Ricoeur levanta sua dimensão interpretativa, evidenciando os significados construídos pelo discurso.

Essas percepções são complementares, e abrem caminho para a reflexão de como a linguagem pode ser cada vez mais entendida como um fenômeno dinâmico, que se molda e se transforma com base em transformações sociais, dos sujeitos e de suas interações. A fala, um conceito muito específico de Vygotsky, e o outro, conceito muito presente nas análises de Ricoeur, quando consideradas em relação à linguagem, possibilitam desenvolver a prática educacional, tanto no processo de ensinar e aprender, quanto na relação de professor e aluno, nos outros elementos mediadores da educação (como livros didáticos, tecnologia, as inovações pedagógicas, dentre outros) e, por isso, o potencial de transformação que essas articulações geram.

A partir disso, a linguagem foi explorada em relação à fala, ao outro e a própria educação, como meio para acessá-la em todas as suas esferas.

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

A linguagem e a fala

Falar significa sempre dizer alguma coisa, esta foi uma frase escrita por Paul Ricoeur, apoiado nas ideias de Platão em *Teeteto e o Sofista*, em seu livro *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação* (1976), ao questionar como o erro é possível, ou seja, “como é possível dizer o que não se verifica, se falar significa sempre dizer alguma coisa” (p. 13). Indo além de reflexões puramente técnicas da linguagem, Ricoeur afirma que o erro, assim como a verdade, são como alterações do discurso, e que este exige um nome e um verbo: “um nome tem um significado e um verbo tem, além do seu significado, uma indicação do tempo” (p. 13).

O ato de falar vem acompanhado de compreensões muito ligadas à linguística e seus elementos, como gramática e fonética, e, conforme explica o filósofo Ricoeur (1976, p. 14), “é o código linguístico que fornece uma estrutura específica a cada um dos sistemas linguísticos, que agora conhecemos como as diversas línguas faladas pelas diversas comunidades linguísticas.” O autor, nesse sentido, aponta para o fato de que o desafio é desvencilhar a língua de ser unicamente esse código estrutural, havendo a necessidade de entendê-la enquanto o seu uso, isto é, em um sentido mais prático.

Bueno (2005, p. 4), ao citar outro filósofo, o Wittgenstein (1994, p. 165), partilha dessa reflexão quando destaca o pensamento do autor de que “o homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode exprimir todo sentido”, apresentando a linguagem como meio de comunicação, de aprender, construir, receber e transmitir conhecimento. Isso indica uma grande relação com a principal ideia de Vygotsky sobre a fala ser “um fenômeno social coletivo e se diferencia de outros sons porque transmite determinados sentidos” (NASCIMENTO, 2020, p. 69), um grande ponto que a diferencia da linguagem dos animais, por exemplo, que não precisam de produção de sentido.

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

Outro ponto que demarca a linguagem como algo não mais puramente estrutural é sua intenção. Para Ricoeur (1976), uma mensagem é intencional, intentada por alguém, ao contrário do código e da estrutura linguística que não têm essa intenção. Essa forma intencional de perceber a linguagem também é demonstrada nos estudos de Vygotsky (2009) sobre a função planejadora da fala, na qual as crianças – seu principal público de estudo – começam a usar a linguagem não somente para elas próprias, mas para se apresentarem ao mundo externo. Essa ideia também foi expressada por Figueiredo (2019, p. 21), que ainda menciona o papel da história e do relacionamento com o outro nesse processo de constituição da linguagem:

(...) os seres humanos se constituem e estão situados historicamente por meio da linguagem. Constituem-se, pois, como sujeitos interativos, se apropriam de conhecimentos e os produzem, utilizando a fala para se relacionarem com outras pessoas e para organizar seu pensamento (...).

Com base em tais reflexões, vale ressaltar que a linguagem, no contexto educacional, transcende a transferência de conhecimento técnico – ela se apresenta como uma ferramenta de mediação entre um sujeito e outro, promovendo a construção de significados em conjunto. Esse processo de mediação, tal como apontado por Vygotsky, demonstra que o aprendizado é, em grande parte, socialmente construído, uma vez que o desenvolvimento da fala depende da interação com o mundo exterior e com as pessoas ao redor.

Partindo, agora, para conceitos um pouco mais específicos... A fala, nos estudos de Vygotsky (2009; 2007), é dividida em comunicativa, que é social e exterior, e egocêntrica, quando há uma fala sem interesse pelo interlocutor. Com o passar do desenvolvimento, a fala egocêntrica não desaparece – ela apenas se transforma em fala privada, que é o pensar em voz alta, ou então em fala interior, o ato de falar consigo mesmo em silêncio. Com isso, percebe-se que há um processo

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

de transformação nos objetivos da fala, algo também postulado por Ricoeur (1976) em certos momentos: primeiramente, ao afirmar que o discurso é dirigido a alguém, isto é, há um falante que é o endereçado do discurso e há um ouvinte que constitui a linguagem como comunicação; como segundo ponto, ainda no que tange ao discurso e ao diálogo, o autor afirma que mesmo o solilóquio, que é o discurso solitário (e que em Vygotsky poderíamos chamar de fala interior!), é um diálogo consigo mesmo; e, então, diante da afirmação de que a interação intencional do falante e do ouvinte é o que conhecemos por diálogo: “[e]sta reciprocidade de intenções é o evento do diálogo. O suporte deste evento é a “gramática” do reconhecimento incluída na significação intentada.” O filósofo conclui:

(...) podemos dizer que a própria linguagem é o processo pelo qual a experiência privada se faz pública. A linguagem é a exteriorização graças à qual uma impressão é transcendida e se torna uma expressão ou, por outras palavras, a transformação do psíquico em noético. (RICOEUR, 1976, p. 30).

Assim sendo, compreende-se a fala, conceito central dentro do universo da linguagem, como um grande recurso existente para expressar desejos, planejar ações e, com tudo isso, alcançar o outro. Não se trata apenas de um meio de se comunicar; a fala é um instrumento de organização interna, por meio do qual os seres humanos estruturam suas ideias e, com isso, exteriorizam suas intenções, influenciam o ambiente ao seu redor e, sobretudo, estabelecem conexões significativas com o outro.

A linguagem e o outro

O mundo da linguagem é vasto, e não um mundo apenas estrutural e ensimesmado, como se visualizava antes. E, por estarmos no mundo, estamos sujeitos também a relações e interpretações, bem como a diferentes formas de expressar e compreender o que se diz, através da linguagem.

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

Por isso, nós, falantes *em meio à produção do mundo*, como destaca Amaral Filho (2021, p. 65), estamos frequentemente no meio de significados tangíveis e alguns não tão tangíveis assim a partir do que se fala.

Novamente especificando um pouco mais os conceitos... Figueiredo (2019, p. 38), em seus estudos sobre Vygotsky, aponta que “por meio da fala, os seres humanos podem servir de mediadores para outros indivíduos”, principalmente em contextos de ensino e aprendizagem de línguas materna ou adicional. A noção de mediação, de acordo com Vygotsky (2009), perpassa por uma mediação instrumental, como instrumentos técnicos e mecânicos, e instrumentos psicológicos, como a linguagem. Recursos como o uso de dicionários, livros didáticos, gramática e tecnologia são uma forma de mediação entre o indivíduo e o desenvolvimento da linguagem, mas também o ato de pedir ajuda às pessoas ao redor, fazer perguntas e fazer o uso de fala privada são ótimas representações de como a linguagem e o outro estão interligados.

O contato com o outro pode, também, gerar compreensões não tão acertadas; e, na linguagem, isso se apresenta pela polissemia das palavras, como explica Ricoeur (1976, p. 28):

Naturalmente, este primeiro nível de compreensão mútua não se dá sem algum mal-entendido. As nossas palavras na sua maioria são polissêmicas; têm mais de um significado. Mas a função contextual do discurso é, por assim dizer, filtrar a polissemia das nossas palavras e reduzir a pluralidade das interpretações possíveis, a ambiguidade do discurso que resulta da polissemia não filtrada das palavras. (...)

Essa polissemia, contudo, não é um aspecto negativo da linguagem. Pelo contrário, é o que possibilita maior expressão da nossa comunicação, das nossas diferenças e do nosso ser, como explica Amaral Filho (2021, p. 1110):

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

(...) ainda que sejam variados tanto os modos de ser, quanto de conhecer o humano, todas as suas possibilidades se constituem em meio à linguagem. Neste caso, aquilo que nos diferencia é o mesmo que nos unifica. Justamente porque aquilo que instaura a linguagem é por princípio a polissêmia. É só em meio à diversidade que podemos falar propriamente de algo comum.

No entanto, o que acontece muitas vezes é um movimento oposto ao de expressar a nossa diversidade e linguagem poética, restringindo-a, como faz a linguagem lógica (técnica e científica), que restringe “as possibilidades semânticas da linguagem cotidiana” (AMARAL FILHO, 2021, p. 65), ideia que se relaciona com a de Vygotsky (2007) sobre conceito científico, que é aquele ensinado às crianças por meio de instrução escolar, e que muitas vezes é feito sem interação com o conceito cotidiano ou espontâneo, que diz respeito ao resultante das experiências daquele indivíduo, sem necessariamente uma instrução sistematizada (FIGUEIREDO, 2019).

Acolhendo aquilo que constitui a experiência do mundo, a linguagem poética adentra no horizonte da produção de sentido. É justamente este aspecto acolhedor da linguagem poética que pode se alguma forma abrir possibilidades para que o pensamento educacional possa também acolher o múltiplo, sem perder a perspectiva da constituição do sentido, ou seja, da compreensibilidade; o que pressupõe juízos que sejam, de um jeito ou de outro, acolhidos e compartilhados intersubjetivamente. (AMARAL FILHO, 2021, p. 65. [grifos do autor]).

A interação com o outro, como se pode observar em todos os conceitos evidenciados nos parágrafos anteriores, é o que constitui um indivíduo desde a sua infância. Para um bom desenvolvimento cognitivo, emocional e social, é necessário que a linguagem esteja permeada por esses processos polissêmicos, algo que reflete diretamente, também, em seu desenvolvimento educacional.

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

A linguagem e a educação

Retomando o conceito de educação, para compreendê-lo junto da linguagem, Libâneo (2001, p. 7) demonstra que é “uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal”, além de estar ligada a processos de comunicação e interação, semelhante ao que foi apresentado diante das ideias de Vygotsky e Ricoeur.

Nesse sentido, para que os processos educacionais estejam em consonância com uma prática social e que vise a produção de sentido, é importante para um professor ter conhecimento desses conceitos e utilizá-los em favor do ensino e da aprendizagem.

Em se tratando das palavras, por exemplo, Vygotsky (2007, p. 94) afirma que “já no período de suas primeiras perguntas, quando a criança assimila os nomes de objetos em seu ambiente, ela está aprendendo”, assim como, num contexto dialógico, a mensagem vai criando sua estrutura de significação, conforme explica Ricoeur (1967, p. 28), pois “[a]o falarmos a alguém, apontamos para a única coisa que queremos dizer graças aos dispositivos públicos dos nomes próprios, demonstrativos e descrições definidas.” Todas essas referências demonstram o quanto a linguagem está, claro, junto de aspectos sistematicamente linguísticos, mas precisa ir além para que faça parte do indivíduo como um tudo.

Pensando especificamente na prática docente sobre a linguagem, também se faz necessário refletir sobre a relação professor e aluno, pois, conforme demonstra Figueiredo (2019), o professor não é o responsável pela aprendizagem, mas sim alguém que favorece e medeia esse processo, bem como o aluno não é apenas um recipiente dessa aprendizagem, sendo um participante ativo do processo, considerando que o mero ato de estudar e ouvir o que diz o professor é, também, uma atividade, logo, uma particip(ação).

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

Esses conceitos também valem no contexto da pesquisa em educação, que segue o mesmo rumo: “[p]ara o pesquisador em educação, só há uma forma de encontrar o seu dito objeto de estudos, indo ao *mundo*” (AMARAL FILHO, 2021, p. 105. [grifo do autor]). Ainda, no entrelace com outras áreas, são conceitos que contribuem na problematização das diferentes formas de expressar e compreender sentidos puramente humanos, como afirma Amaral Filho (2021, p. 108), a partir de Oliveira (1996, p. 13): “(...) é impossível filosofar sobre algo sem filosofar sobre a linguagem, uma vez que esta é momento necessário constitutivo de todo e qualquer ser humano”.

As ideias de linguagem e educação são muito bem representadas por Bueno (2005, p. 4), ao apoiar-se nas pesquisas de Bakhtin (1981, p. 106), que declaram:

“Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor somente quando mergulham nessa corrente é que começam a operar”. Tudo isso fica mais claro quando ele reitera e amplia o campo do seu entendimento de língua, atribuindo à linguagem importância fundamental: “Os sujeitos não ‘adquirem’ sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência” (...).

Portanto, o despertar da consciência presente nas ideias descritas, assim como o ir ao mundo, é também o que narra Figueiredo (2019, p. 107), sobre o pensamento de Vygotsky: *o ser humano não é apenas ativo, mas interativo*. Sua aprendizagem e desenvolvimento estão ligados às trocas sociais e, nessa perspectiva, a linguagem entra como uma facilitadora da construção de significados e acesso ao conhecimento. Assim sendo, a educação se consolida como um espaço onde as interações sociais desempenham um papel central no desenvolvimento de um indivíduo, contribuindo para sua formação integral.

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

Considerações finais

Discorrer sobre a linguagem em relação a outras áreas, que sempre foi um campo muito concentrado em aspectos estruturais, é um desafio, e foi o objetivo deste artigo. Para alcançá-lo, criaram-se três categorias: “a linguagem e a fala”, “a linguagem e o outro” e “a linguagem e a educação”, com o propósito de analisar e relacionar as ideias de dois grandes autores que, em muitos momentos de suas pesquisas, estudaram a linguagem, a filosofia e a educação: Lev Vygotsky e Paul Ricoeur.

Conclui-se, ainda que isso não signifique que estas reflexões estão encerradas, que é imprescindível que um professor, um pesquisador na área da educação e, até mesmo, um aluno passem pelo processo de ensino e aprendizagem considerando a linguagem em todos os seus aspectos linguísticos, sociais, internacionais, polissêmicos e de construção de indivíduo e de mundo. Considerar esses aspectos significa uma oportunidade de melhorar a relação professor e aluno, a expressão e compreensão do que é dito e feito nos contextos educacionais e, principalmente, a educação em todos os seus ângulos.

A linguagem veio, com o passar do tempo, tornando-se um grande recurso de constituição do ser humano em seus mais diversos espaços, e que com a liberdade e a atenção necessárias é possível utilizar a nossa fala para fazer educação em conjunto com o outro, tendo a linguagem como fator determinante nesse processo.

Referências

AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. **Prospecções educacionais**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2021.

A linguagem na educação: um diálogo entre as ideias de Lev Vygotsky e Paul Ricoeur

BUENO, Jayme Ferreira. A relação entre educação e linguagem e a produção do conhecimento.

Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 5, n.16, p. 105-120, 2005. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116175008.pdf>>. Acesso em 27 jul. 2022.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Vygotsky: a interação no ensino/aprendizagem de línguas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. Editora da UFPR, 2001.

NASCIMENTO, Naiara Aparecida. **Lev Semionovitch Vigotski e a Educação Escolar: uma prática educativa humanizadora como princípio para o desenvolvimento da consciência humana**. 2020. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Data da submissão: 19/09/2024

Data do aceite: 10/10/2024

Data da publicação: 29/11/2024